

Dívida tem alívio imediato com queda do dólar

Heitor Hui/AE

Se tendência do câmbio persistir, inflação de 2002 pode ter um pequeno recuo

MÁRCIA DE CHIARA

A mudança do nível do câmbio, que recuou cerca de 6% nas duas últimas semanas, proporciona um certo alívio para o mercado financeiro, mas não a ponto de provocar mudanças cruciais no cenário econômico atual. De imediato mesmo, o recuo da cotação da moeda americana tem reflexos diretos na dívida pública interna com correção cambial. Estimado em R\$ 180 bilhões, o saldo encolheu R\$ 10,8 bilhões só por conta dessa queda no dólar, calcula o diretor de Fundos do Banco Inter American Express, Marcelo Allain. A médio prazo, caso esse novo patamar de câmbio se consolide, o reflexo será uma pequena redução na inflação de 2002, que poderá vir acompanhada de corte nos juros básicos.

“A dívida pública é o indicador que mais irá se beneficiar no curto prazo dessa trégua no cenário econômico”, avalia Allain. Além da queda na cotação do dólar, ele aponta a alta de cerca de 12% na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) e a redução de 25% para 21% ao ano dos juros no mercado futuro, desde fins de outubro, também como indicadores do alívio..

Economistas ouvidos pelo **Estado** consideram que ainda é cedo para encarar a apreciação do real uma tendên-

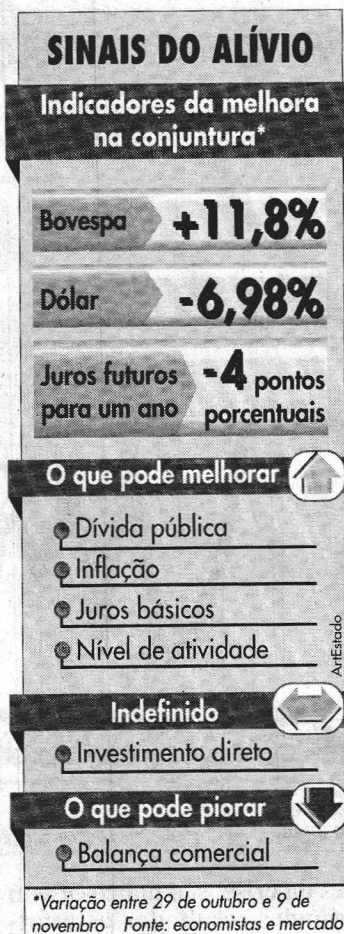
cia. Na prática, a queda do dólar reflete uma ‘trégua’ no pessimismo exagerado que vinha se disseminando entre os agentes econômicos, diz.

Para o sócio da Tendências, Roberto Padovani, quando a cotação do dólar atingiu o pico de R\$ 2,80, o mercado estava embutindo nesse valor um risco maior por causa da crise argentina, do confronto norte-americano no Afeganistão e do racionamento de energia elétrica. Como as previsões mais pessimistas nesses três focos de preocupação não se confirmaram, a pressão sobre o dólar diminuiu.

“O que ocorre hoje com o câmbio é um ajuste transitório, não se trata de tendência”, diz Padovani. Allain pondera que a apreciação pode não ter continuidade, caso a situação na Argentina se agrave. Padovani observa que nenhum fundamento econômico se alterou para mudar o cenário traçado para 2002. “A situação da economia americana continua complicada e o prêmio de risco dos papéis brasileiros, elevado”, ressalta o sócio da Tendências.

Inflação – De toda forma, o recuo do dólar melhora as perspectivas de inflação para 2002, ressalta Padovani. Na sua opinião, o Índice de Preços Amplo (IPCA) poderá ficar mais próximo de 4,5% do que de 5% no ano que vem.

Essa avaliação é compartilhada pelo economista-chefe do Lloyds TSB, Odair Abate, para quem, a médio prazo, a queda do dólar reduz as projeções de inflação porque as



pressões de custos serão menores. “O alívio na inflação de 2002 será moderado.” Ele ressalta que esse cenário mais favorável “abre uma porta” para que os juros básicos voltem a cair.

Mas o economista do Lloyds TSB não acredita que o corte nos juros já ocorra na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), marcada para os dias 20 e 21 deste mês. É que a inflação continua pressionada pelos reajustes ocorridos no câmbio, como mostram os resultados de outubro e as primeiras prévias deste mês, cujos índices superaram as expectativas do mercado.

O Índice de Preços ao Con-



Allain, do Inter American Express: trégua no cenário econômico

sumidor da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (IPC-Fipe), por exemplo, fechou outubro com 0,74%, ante expectativa inicial de 0,4%. O IPCA de outubro atingiu 0,83% e superou a projeção de mercado que era 0,65%. A primeira prévia do Índice Geral de Preços de Mercado (IGPM) deste mês teve alta de 0,78% e ficou ligeiramente acima do esperado (0,6%).

Abate pondera também que seria precipitado reduzir os juros agora, especialmente quando se observa uma recuperação da demanda e uma maior predisposição de vários setores em repassar aumentos de custos para os pre-

ços, aproveitando o cenário favorável.

Na opinião de Allain, é possível que o governo reduza a taxa básica na última reunião do Copom deste ano, se o cenário favorável do câmbio se mantiver. “Normalmente, eles olham o cenário de médio e longo prazo.”

O impacto da queda do dólar na balança comercial ainda é uma incógnita para os economistas. Nas contas de Abate, por exemplo, se o câmbio do próximo ano ficar abaixo da média observada em 2001 que, nos seus cálculos deverá oscilar entre R\$ 2,36 e R\$ 2,37, será difícil cumprir a meta de um superávit entre US\$ 4 e US\$ 5 bilhões.